

MOISÉS

por AHAD-HAAM

Quando Moisés deixa a escola para entrar na vida, a primeira coisa que vê foi uma ofensa feita à justiça. Não dá tempo a reflexão, mas pune a afronta imediatamente: a eterna luta entre o profeta e a vida está declarada.

Um Egípcio maltrata um hebreu, o forte esmaga o fraco. Tal é o primeiro espectáculo que lhe mostra a vida. Moisés fica indignado — e coloca-se do lado do fraco. Mas um outro espectáculo mais aflitivo o comove: «Dois Hebreus estavam em briga». Ambos seus irmãos; ambos fracos, ambos escravos de Pharaó — e batem-se entre si! Esta vez ainda, um sentimento de justiça se apodera do coração do profeta — e intervem.

Mas é forçado a reconhecer que não há coisa própria senão tomar sempre o partido do direito e que interpondo-se entre homens mais fortes põe a sua própria vida em perigo. Mas esta comprovação não o torna mais «sábio».

Expulso do seu país, da sua pátria, vai estabelecer-se noutra parte. Chegado a um país desconhecido assenta-se á beira dum poço. E lá, mais uma vez ouve a voz da justiça oprimida e võe em seu socorro. Esta vez não são hebreus que disputam, são homens dum outro povo, dum povo que não conhece. Mas que importa! O profeta não faz distinção entre homens.

Durante tóda a sua vida de nomada, não cessa de combater pela causa do direito. E tornar-se-á o libertador do seu povo e ensinará a justiça não sómente aos homens do seu tempo, mas a todas as gerações futuras.

A revelação desta missão tem por quadro o grande e silencioso deserto. O profeta já cansado de dominar a eterna luta, aspira a uma vida calma. E' por isso, que êle deixa os homens e se faz pastor. Com o seu rebanho, chega ao deserto. Mas o repouso foge-lhe também lá. Sente que não substituiu a sua missão. Uma voz interior pareceu dizer-lhe: «Que fazes tu aí? Vai retomar a luta para que foste creado!»

Procura subtrair-se a esta voz, mas

não o consegue. A voz do Divino, a seu pesar, fala à sua consciência.

Um fogo queima os seus ossos. Na sua mocidade, havia feito tudo que estava em seu poder para impôr o reino da justiça no mundo, mas o fogo não se havia moderado. A luta tinha consumido os melhores anos da sua vida, a sua fôrça e o seu vigor sem que tivesse triunfado. Agora estava ás portas da velhice. Ainda um pouco e as suas forças abandoná-lo-ão tornar-se-à como uma árvore seca que não dá mais frutos.

Poderá, agora, encontrar novos caminhos para chegar ao seu fim?

Poderá ser bem sucedido lá, onde tinha encalhado na sua juventude? Que pode fazer que não tenha já feito? Porque o fogo continua a arder no seu coração e a perturbar a sua tranquilidade?

De repente, o profeta ouve a voz divina: «Eu sou o Deus de teu pai, o Deus dos teus antepassados!». Como Moisés pode esquecer isso? Deus, tinha-o servido com todo o ardor da sua fé, tinha-se batido pela ideia da justiça. Em Madian, em toda a parte onde o haviam conduzido os seus passos, se tinha esforçado por salvar o oprimido das mãos do opressor.

Tinha pregado a verdade, a paz e o direito. Mas o Deus dos seus pais tinha-o esquecido! Do seu povo não se lembrava mais...

A esperança renasce no seu coração, enfortalece-se de instante a instante; o profeta sente crescer as suas forças e renovar-se os dias da sua mocidade. Sabe de hoje em diante a vida que deve seguir. Assim pois, não tinha perdido todo o seu vigor demorando-se no meio dos outros povos que o consideravam como um estrangeiro e que não queriam os seus ensinamentos...

Irá agora para o seu povo, para os seus irmãos — e lhes falará em nome de Deus de seus pais.

Eles escutá-lo-ão, porão uma orelha atenta a tudo o que lhes disser, obederão á sua voz, e fundará o reino da justiça com o auxilio do povo que fará sair do Egipto, da casa onde é escravo.

A ideia é tão grande, tão bela que esquece por um momento os obstáculos erguidos sobre o seu caminho. Não se apresentará só diante do Pharaó. Sabe que

um homem como êle, que ignora a linguagem da corte, não saberia falar ao coração do rei. Sim, mas primeiramente irá para o seu povo, reunirá os anciãos de Israel.

.....
O primeiro passo estava dado. Pharaó e os seus exércitos, são afogados no mar, e Moisés põe-se á testa do seu povo para o conduzir ao país do seus antepassados.

Então Moisés entôa um cantico ao Eterno. O seu coração transborda de alegria, exulta...

Mas o profeta ignora que não está ainda senão no começo da sua carreira, que a sua missão mal acaba de começar venceu Pharaó mas a sua obra subsiste. O senhor acaba de ser senhor, mas o escravo continua a ser escravo. Quando um povo viveu sob o jugo durante várias gerações, não se pode com um golpe arrancar do seu coração os sentimentos íntimos que o dominam e tirá-lo do seu aviltamento para o tornar inteiramente livre.

Mas o profeta crê no seu ideal.

E o profeta reúne o povo ao pé da montanha: «Não é verdade, como acreditastes até hoje, vós e os outros povos, que cada Estado, cada provincia, tem os seus deuses que exercem o seu poder sobre toda a vastidão do seu território, que se fazem guerra, tudo como os povos que lhe estão sujeitos. Não é assim! Não há no universo um deus para Israel e um outro para Mizraim (Egipto), não há senão um Deus. Ele é, êle foi e êle será! E' o senhor da terra e reina sobre todas as nações. Este Deus, que é eterno, é o Deus de vossos pais. O mundo é a sua obra; o género humano foi creado por êle á sua imagem.

Ora, ele escolheu-nos, a nós, filhos de Abraham, seu preferido, para que sejais o seu povo «um reino de pastores e uma nação santa», para que santifiqueis o seu nome sobre a terra. A vossa vida individual muda-la-eis completamente num espirito de verdade e de justiça.

Que povo ouviu jamais a vóz divina anunciar no meio dos relâmpagos paavras tão sublimes? Assim falou o profeta, e o povo, no seu entusiasmo gritou a uma voz: «Tudo o que o Eterno diz, nós o observaremos!»

E é com o coração tranquile que o profeta deixa o campo para subir á montanha e concluir a Lei. Mas na alma do povo, o escravo egipcio revela-se bruscamente e tomba o «castelo de cartas» que o profeta tinha construído na sua fé, na elevação do seu ideal.

A dôr do profeta não tem limites. Toda a sua obra, a alta missão em que tinha sonhado para o seu povo, a esperança que o tinha tantas vezes alimentado no curso da sua longa carreira, tudo isso se derrobaria. O desespero apodera-se da alma do profeta, os seus membros se flexionam, as suas mãos largam as Tábuas da Lei, que se partem.

Ah! Como é difficil dar uma forma a um povo de argila tão vil!

Mas o profeta não cede fácilmente diante das difficuldades da vida. Volta depressa ao seu ideal e decide triunfar. Compreende, perfeitamente, a tarefa que lhe reserva o futuro. Arma-se de paciencia.

Assim os primeiros tempos. O profeta prega, sofre, paciente, consola-se com o pensamento de que não está longe e dia em que o seu ensinamento produzirá os seus frutos. Vê já o seu povo chegado ao termo das suas peregrinações e realizando o seu ideal na terra prometida.

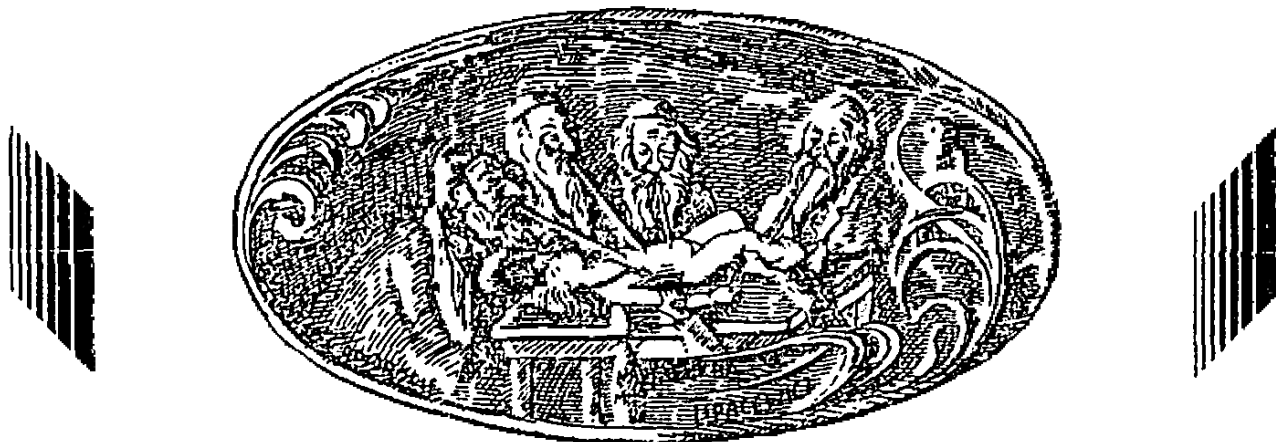
Então brilha o trabalho dos emissários...

Um povo ia á conquista dum país para aí se constituirem em nação que devia fazer a admiração do mundo, e bastou uma desagradavel noticia para o desencorajar e fazer-lhe voltar as costas ao seu brilhante futuro!

Moisés compreende que a sua ultima esperança não repousa sobre nada sólido, que os seus ensinamentos não aproveitam a este povo que não foi capaz de tornar digno da sua missão e, immediatamente, decreta a morte da sua geração; está decidido a sustentá-la durante quarenta anos no deserto, até que uma nova geração cresça, uma geração em fim livre, engrandecida, por assim dizer, sob a tutela da sublime Lei...

O profeta permanece no deserto, enterando a velha geração e fazendo a educação da nova. Uns após outros, os anos passam, e o profeta não se fatiga de ensinar à mocidade as leis do justo e do in-

Outro testemunho da Kultura AREIANA



Judeus a sugarem o sangue dos meninos boches! Tadinhos!!!

As nossas gravuras

Reproduzimos duas gravuras dum jornal que faz propaganda contra os judeus na Areialandia (terra onde os habitantes são areianos, isto é, teem areia na cabeça).

justo. Sem cessar lembra o passado glorioso que os viu nascer.

Passado e futuro ocupam constantemente o seu pensamento.

Vê o deserto que se estende imenso, em volta dele. Os seus contemporaneos? Estão longe de realizar o seu sonho. E' por isso que os seus olhos contemplam o futuro...

E', quando os quarenta anos estão completos e a nova geração se prepara para sair da sua inércia, para retomar a obra nacional interrompida, o profeta morre, legando a um outro o cuidado de conduzir o povo para o seu país.

Ó profeta morreu na sua fé como tinha vivido.

Está morto, o rosto sorridente com palavras de conforto nos lábios. Morreu depois de ter recebido a benção divina, depois de ter cumprido a sua obra, depois de ter suportado o peso da vida, e sido bom até ao extremo, como um rochedo firme no meio do mar, que não se inclina nem para a direita nem para a esquerda, que não curva a cabeça diante das vagas desencadeadas...

Do hebreu por Nissim Ben Ezra.

De «L'Univers Israelite».

Tradução de David A. Morêno.

YESHIBAH ROSH-PINAH

Instituto Teológico Israelita do Porto

(Seminário destinado á preparação de guias espirituais israelitas)

Ano escolar electivo

O ano escolar para todos os cursos começa em Rosh Ha-Shanah (lua nova no mês de setembro) e dura até à conclusão dos exames.

O ano lectivo começa em 11 de Tishri (11.º dia da lua de setembro) e acaba no ultimo dia de Tamuz (lua de junho, e é dividido em três periodos: 1.º de 11 de Tishri a Hannvcah (festa dos Macabens); 2.º de Haunucah a Pessah' (Pascoa israelita); 3.º de Pessah' até ao fim de Tamuz.

O tempo escolar de Rosh Ha-Shanah (ano novo) a Kipur (dia do Grande Perdão) é destinado à matricula, classificação e distribuição dos alunos, inspecção médica, etc.

A 2.º quinzena do mês de Tamuz é des-

tinada ao ensino pratico, excursões e passeios educativos, e a exames finais.

Hora escolar

A hora escolar é de 50 minutos.

Férias

As ferias durante o ano lectivo são de 12 dias em Hannucab e de 15 dias em Pessah'.

São feriados os sabados, o dia 5 de Outubro (Proclamação da Republica Portuguesa), e os dias solenes das festividades israelitas.

Conselhos de curso e escolar

O conselho de curso é constituído pelos professores de cada curso e presidido pelo Reitor ou por professor designado para esse fim pelo Reitor. O secretario é um dos proiessores mais modernos, designado pelo Reitor.

Os conselhos de curso são de caracter estritamente pedagogico.

E' da competencia do Reitor designar os dias e horas das reuniões dos conselhos de curso.

E' obrigatoria, para todos os professores de cada curso a comparencia a todas as sessões dos conselhos de curso a que pertençam. A falta a qualquer sessão, ou a parte dela, é considerada, para todos os efeitos, como falta a um tempo de aula obrigatorio.

O conselho escolar é de caracter estritamente pedagogico. Constituem-no todos os professores em exercicio no Instituto; o seu presidente é o reitor, e é seu secretario o do Instituto.

O conselho escolar reúne em sessão ordinaria.

1.º—No começo do ano escolar, antes da abertura das aulas.

2.º—Num dos primeiros dias uteis de cada periodo lectivo.

3.º—Quando o Reitor o julgar conveniente.

Classificação do aproveitamento

O aproveitamento dos alunos é classificado conforme a seguinte escala de valores: 0 a 4, mau; 5 a 9, mediocre; 10 a 13, suficiente; 14 a 17, bom; 18 a 20, muito bom.

O cálculo das medias faz-se até ás décimas, nos resultados (medias anuais de cada disciplina e media final de frequencia) conta-se por uma unidade toda a fracção igual ou superior a 0, 5.

As notas de aproveitamento são dadas, sempre em numeros inteiros, por disciplinas, em conferencia, nas ultimas reuniões dos conselhos de curso de cada periodo lectivo, e representam a opinião do conselho sobre o trabalho realizado pelo aluno durante todo o periodo. Nas reuniões dos conselhos de curso que precedem as finais de cada periodo lectivo devem os professores trocar impressões acêrca do aproveitamento de cada aluno.

E' excluido, no fim de cada periodo lectivo, o aluno que tiver nota de mau em aproveitamento em duas ou mais disciplinas.

No fim do ano lectivo procede-se, em reunião do conselho de curso, ao apuramento da frequencia dos alunos.

São admitidos a exame os alunos que não houverem sido excluidos, em qualquer dos periodos lectivos, por faltas, por notas de aproveitamento, por notas de procedimento ou por outro motivo, e que não obtiverem, em duas ou mais disciplinas, media anual inferior a 10 valores.

A classificação com que o aluno é admitido a exame é fixada pelo conselho de curso, tendo em vista as notas que ele obteve em cada periodo lectivo e ainda a sua capacidade e o seu esforço durante todo o ano lectivo.

Provas de frequencia e provas finais

Perde o ano o aluno que tiver dado em qualquer disciplina durante o ano lectivo o numero de faltas igual ou superior á terça parte das lições.

Os alunos dos cursos preparatório e geral Teologico são obrigados a prestar as seguintes provas em cada disciplina:

Três exames de frequencia durante o ano lectivo e um exame final.

Os exames de frequencia serão escritos, versando sobre as matérias professadas nesse periodo.

Os dias destes exames serão fixados pelo conselho do curso e o respectivo aviso será feito pela secretaria com a antecipaçaõ de três dias, pelo menos.

Depois de realizado o ultimo exame de

frequencia de cada série, o conselho do curso reunirá para a apreciação do aproveitamento dos alunos, depois do que serão publicadas as notas de mérito dos mesmos exames.

Perde o ano o aluno que na média de três exames de frequencia e demais provas em cada disciplina não obtiver a cota de mérito de 10 valores

O exame final de cada disciplina versará sobre as materias professadas durante o ano e exaradas nos programas.

Os exames finais serão feitos perante o juri, composto pelo professor da disciplina e mais dois nomeados pelo conselho escolar.

Liturgia

No ensino e nas praticas liturgicas, é observado neste instituto, o ritual usado pela congregação israelita portuguesa de Londres, formada por maranos portugueses, no tempo de Lord Crommwell, sob a direcção do sapiente Rabbi de boa memoria Rev.º Menasseh Ben-Israel (Manuel Dias Soeiro).

A Lingua Sagrada no curso preparatorio

E' observado o seguinte programa no ensino da lingua hebraica no curso preparatorio deste Instituto.

1.ª Classe

Leitura e escrita da lingua hebraica em caracteres quadrados e rabinicos.

Noções gerais da gramatica hebraica (constituição das silabas e das palavras, estudo do substantivo, do artigo e da preposição, do adjectivo, dos pronomes; conjugação dos verbos regulares na forma Kal. Aquisição de vocabulário; tradução de trechos simples da Biblia.

2.ª Classe

Repetição da materia da classe anterior. Declinação de todos os nomes, incluindo o nome construido; conjugação dos verbos regulares em todas as conjunções; uso dos numerais, adverbios, conjunções e interjeições.

Aquisição de vocabulario. Traduções e composições simples. Elementos de sintaxe.

PIQUENIQUE

Ao despertar daquele dia, 10 de junho, o céu estava mais nublado do que nos dias antecipados.

Branda aragem soprava do vasto e calmo mar e vinha deliciar os nossos pulmões.

Os alunos do Instituto Teológico Israelita, encaminhavam-se para a Praça da Liberdade ponto de reunião para um piquenique, a realizar nesse dia. De cada rua surgiam famílias.

Bateram dez horas no relógio de uma torre paóxima, e nós tomamos o eléctrico para Gondomar.

Partimos.

O nosso número era aumentado por famílias, que entravam em cada paragem. Não havia nem assentos, nem lugar para ir em pé.

Conversava-se alegremente.

Sua Ex.a, o Snr. capitão Barros Basto, começa a entoar as primeiras palavras do hino de redenção. Seguem-no os seus discípulos, e logo, todos os outros companheiros.

O eléctrico atravessa várias ruas e acaba por deixar o Porto.

As casas, que agora vemos, muito baixas, de aspecto humilde, e com um só andar, lembram outras das aldeias; de Traz-os-Montes e Beiras, em que habitam irmãoe nossos, maranos.

Os campos, sensivelmente planos, estão cobertos de cereais que o sol começa a doirar, de milho e de videiras, que se elevam em altas latadas, das quais pendem cachos, hoje verdes, mas maduros amanhã. Aqui um lavrador cava. Acolá, um outro, precede uma junta de bois, que com passo lento, produzindo um ruído regular e, por isso, monótono, vão extraíndo água da nóra. Alguns passos mais adiante, uma mulher, erguendo e baixando um sacho, brilhante pelo uso, vai abrindo e fechando os sulcos, pelos quais a água corre, saudando e alegrando as plantasi-nhas, de folhas emurchecidas pelo intenso calor do diã anterior.

Ao longe, ao lado de Gondomar, pleno

de casinhas brancas, o Monte Crasto começa-se a avistar.

E' para ali que nos dirigimos.

Vamo-nos aproximando.

Estamos chegados.

Da base, contemplamos o cume.

E' um pouco alto, mas ninguém pensa em deistir da subida. Uns, seguem a estrada que a êle conduz, outros, os mais novos, os mais corajosos, sobem através de perigosos escarpados, entre espessa vegetação. Alguns param, e, entre estes eu, a-fim-de dirigirmos o olhar para o Porto. Entre as névoas que o cobrem, vemos uma infinidade de casas, das quais se destacam os monumentos mais elevados, a começar, bem entendido, pela Torre dos Clérigos.

Os raios solares começam a dissipar os vapores que cobrem o universo e veem aquecer-nos e obrigar-nos a aliviar de uma parte do nosso vestuário.

Continuamos a subir. Algumas barracas, um café, uma gruta artificial, mas digna de alguns momentos de atenção e eis-nos no cimo dum largo, em cujo centro uma branca ermida se eleva a alguns metros de altura.

Baixamos uma escada.

Crianças em baloiços, cantam alegremente. Altas árvores e, à sua sombra, mesas de granito com os respectivos bancos, tudo de maneira muito simples convidam a tomar ali uma refeição.

Visto que é já quasi meio dia, nós, com bastante apetite despertado, sobretudo, pela ascensão ao monte, dispomos sobre elas os nossos almoços.

Ao sentarmo-nos, lembro-me bem, estava tão distraído na contemplação da paisagem que não reparei que os bancos de pedra, eram fixos, e tento aproximar o meu da mesa.

O local e vistas são quasi o único assunto da nossa conversação.

Acabamos a refeição.

Num pequeno vale, dá-se começo a um baile. O salão não é encerado mas sim coberto de relva, contudo, sei que alguns nem notaram tal.

Pela minha parte subo de novo ao cume para mais demoradamente e ainda uma vez, espriar a vista pelo panorama. Na encosta crianças rapazes e homens, tudo misturado, jogam a bola.

Num lugar canta-se, noutra baila-se, e num terceiro, canta-se e baila-se ao mesmo tempo. O som das vozes misturava-se, tornando-as todas imperceptíveis.

Tudo está alegre.

No céu, há pouco limpido, começam novamente a aparecer nuvens.

Entretanto, as horas vão decorrendo uma após outras.

E as nuvens continuam a acumular-se no firmamento e a tornar a côr escura.

Mas já são seis horas.

Retomamos o nosso lugar á mesa para lanchar.

A seguir contemplo o largo cimeiro, a que já me referi. Com paredes de construção simples, rodeado duma espécie de ameias, dá o aspecto dum castelo um pouco mudado, que tanto pode ser de construção moderna como pode ter séculos de existencia. Mas, o mais possível, é que houvesse sido uma fortaleza indigena, talvez de tempo dos mouros.

Estes tinham o costume de denominar as tais fortalezas com o nome de *Castro* (latim *Castrum*) e eram quasi todas construídas sobre montes. Os indigenas adoptaram talvez esta designação e o nome que hoje tem, de Crasto, deve ser uma corrupção do antigo nome Crasto. Todos os montes com nomes semelhantes foram velhas fortalezas indigenas. Mesmo o local não podia ser mais bem recolhido. É um ponto dominante das redondezas, incluindo o próprio Pôrto.

.....
As nuvens toldam agora quasi por completo o universo. Estão aumentando de peso e ameaçam despenhar-se lá do alto.

Voltamos.

Pôrto, 14-VI-934

David Roberto Augusto Moreno

• • •

Dos 4 cantos da Terra

Inglaterra—O Principe de Gales visitou recentemente a Albergaria judaica de Whitechapel de Londres.

Romania - O Rei Carol concedeu a ordem de merito a dois comerciantes israelitas de Czernovitz, Gustavo Gadar e Jonas Lichtenstein.

Tarsis na Tradição Bíblica

(Subsidio para o estudo
de Portugal proto-histórico)

(Continuação do N.º 64)

O mesmo Isaías, no capítulo LXVI, diz-nos:

«... Eu (Deus) lhe darei o sinal e *dêles delegarei uma parte, são e salvos, para as povoações de Tarshish*, de Pul, de Zud, hábeis em manejar o arco, de Tubal e de Yavan; para as ilhas longínquas onde não ecoou o meu nome, onde não brilhou a minha glória, e eles anunciarão a minha glória entre estes povos.»

Também me parece tratar-se aqui de israelitas emigrados para Tarsis.

Jonas, no capítulo I do seu livro, diz-nos que tinha uma missão a desempenhar em Ninive, mas atorrizado com os assírios resolveu fugir.

«... Mas Jonas levantou-se para fugir para Tarsis, fora da presença do Eterno; dirigiu-se a Joppe (Jafa) onde encontrou um navio que partia para Tarsis. Pagou a passagem e embarcou ali para ir com eles para Tarsis, longe da presença do Eterno.»

Este exemplo de Jonas vem confirmar a minha afirmação de que muitos israelitas, quando da conquista da Palestina pelos guerreiros assírios e babilónicos, haviam emigrado para Tarsis.

No Exodo XXVIII, 20; XXXI, 13; Ezequiel I, 16; X, 9; XXVIII, 13; Cântico dos Cânticos V, 14; e Daniel X, 6, faz-se referência a uma pedra preciosa com o nome de Tarshish, o que nos parece indicar ser originária de Tarsis.

Era uma pedra estimada. Fazia parte das doze pedras do peitoral do Kohen Ha-gadol (Grande Sacerdote) dos hebreus.

O profeta Ezequiel numa das suas visões (capítulo I), descrevendo uns anjos e junto d'êles uma roda, diz:

—... o aspecto das rodas e a sua estrutura assemelhavam-se a Tarshish;...

O mesmo profeta descrevendo o traje dum rei de Tiro, diz:

—...Tôdas as pedras preciosas te cobriam: rúbis, topázio e esmeralda, *tarshish*, onix, jaspe, safira, carbúnculo, diamante e ouro;...

Daniel, no capítulo X, descrevendo um anjo:—... o seu corpo era semelhante à Tarshish.

No Cântico dos Cânticos, capítulo V, versículo 14, descrevendo o amante: ...as suas mãos são cilindros de ouro encrustadas em *Tarshish*;

Não se sabe ao certo que espécie de pedra era esta, mas julgo tratar-se duma ceraunia ou ceraunite, que é o antigo nome da nefrite ou jade axidiano que se suponha ser produzido pelo raio. Muitas ceraunites são da natureza do jaspe. As ceraunias existem em grande quantidade na Lusitânia.

Acêrca desta pedra diz o Sr. Dr. José Leite de Vasconcelos, no seu livro *Religiões da Lusitânia*, no vol. II:

«...temos a superstição das ceraunias, que os Lusitanos julgavam serem boas para preservarem dos efeitos das trovoadas.

Aqui aduzirei um interessante texto de Solino que provávelmente se baseia numa obra hoje perdida de Cornelio Boccho (século I da E. C.): «Nas costas da Lusitânia existe em grande quantidade a pedra preciosa chamada *ceraunium*, superior às da Índia; é da côr do pyropo, e a sua qualidade experimenta-se com o lume: se resiste à acção d'êste, julga-se que tem virtude contra o raio». Esta superstição lusitana encontra-se igualmente em Santo Isidoro, pouco mais ou menos com as mesmas palavras.»

Depois de ter citados trechos bíblicos referentes a Tarsis, vamos ver se podemos localizá-la.

No Génesio X, 4,5 na genealogia indicada, é Tarsis citada entre os filhos de Javan: Elishah e Tarsis, Kittim e Dodanim. Por

(Continua)

Visado pela Comissão de
Censura